

Justiça manda SLU interditar o Lixão

Promotoria do Meio Ambiente denuncia que aterro sanitário ignora normas e ameaça contaminar solo, subsolo e rios

Fátima Xavier
Da equipe do Correio

O aterro de lixo, o Lixão da via Estrutural, será interditado, a partir da próxima semana, por determinação do juiz titular da 7ª Vara da Fazenda Pública do Distrito Federal, João Luís Fischer, porque não atende às regras mínimas que devem ser obedecidas para instalação de aterro sanitário controlado de resíduos sólidos e urbanos.

O aterro, sob a vigilância da Polícia Florestal, será fechado de imediato para o catadores de lixo. O Serviço de Limpeza Urbana (SLU) tem prazo de seis meses para adequar o aterro às exigências da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) para deposição de lixo, sob pena de o aterro ser desativado.

Fischer concedeu liminar em ação civil pública impetrada pela Promotoria de Defesa do Meio Ambiente e Patrimônio Público. A promotora Eunice Amorim, autora da ação, denuncia as condições do aterro e a possibilidade de contaminação orgânica do solo, do subsolo e, consequentemente, dos afluentes do Rio Paraná e da bacia que forma a barragem de Santa Maria.

O juiz acatou os argumentos da promotora, que alerta, também, sobre o risco de vida que estão correndo os moradores do Lixão, a maioria catadores, que sobrevive dessa atividade. Há grande possibilidade de explosões e de incêndios de grandes proporções em razão do acúmulo de metais pesados e de produtos químicos sintéticos.

São 135 hectares cobertos, diariamente, com 1,4 tonelada de lixo — também o hospitalar —, recolhido no Distrito Federal. Ao contrário do que acontece na maioria dos municípios brasileiros, onde o lixo é depositado a céu aberto, no DF ele é aterrado, mas não são atendidas às exigências mínimas da ABNT.

OMISSÃO

“A situação de perigo concreto existe e precisa ser enfrentada pelo Estado”, determina o juiz. Ele acusa o governo local de, “por anos a fio, omitir-se gravemente na preservação da área”.

“São mais de 600 catadores credenciados pelo SLU, em contato direto com o lixo. Dentre eles, crianças, velhos e mulheres, revelando total descaso com as normas técnicas e com o bem-estar social dessas famílias”, disse Fischer.

A ordem judicial não surpreendeu o diretor-geral do SLU, Luciano Sales Oliveira. Ele reconhece que o aterro não atende às exigências mínimas da ABNT e garante que o governo atual já tem o projeto de recuperação ambiental da área, aprovado pelo Banco Mundial e pelo Conselho de Meio Ambiente do Distrito Federal.

As obras vão custar R\$ 1,8 milhão. A contrapartida do Governo do Distrito Federal é de R\$ 600 mil. Segundo Luciano, esses recursos já estão sendo usados. O SLU já dispõe de levantamento geotécnico e hidrológico da região. Esse levantamento vai permitir o diagnóstico exato do que está acontecendo com solo e subsolo.

O projeto prevê a impermeabilização do solo, a drenagem e o tratamento do chorume (líquido que se desprende do lixo) e do gás produzidos. O tratamento do chorume purifica o líquido e deixa apenas a água, que pode ser reutilizada.

Quanto aos catadores de lixo que sobrevivem vendendo o que recolhem no aterro, Luciano disse que o projeto do Lixão prevê sua transferência para outras usinas. “Já cercamos a área e construímos uma guarda”, informou.

O diretor teme, no entanto, a presença da polícia. A luta pela sobrevivência pode levar os catadores a resistir.

Adauto Cruz



Cerca de 600 catadores credenciados pelo SLU não podem mais entrar no Lixão da Estrutural. O SLU tem seis meses para adequar a área às normas da ABNT

Cinco mil pessoas e uma profissão

Damiana, 56 anos, três filhos. Arnaud, 37, sete filhos. Luiz Alves, 37, nove filhos. Maria, 34, cinco filhos.

Severino, 48, nove filhos. José Antônio, 12 anos; Euler, 13; Isabel, 11; Michel, 3; Stalone, um. Desde que chegaram ao Distrito Federal — ou nasceram — não tiveram outra vida: eles trabalham e moram no Lixão.

Nenhum deles sabia, ontem, que o aterro será interditado na próxima semana. Damiana dos Santos, coberta de moscas, que mal se dá ao

trabalho de espantar, conta que mora ali há 15 anos.

Dos três filhos, apenas o mais novo não trabalha, devido a uma doença na perna. A causa, não sabe informar. Os outros são catadores de lixo.

A velha senhora caminha pelo Lixão. Atrás dela, cinco crianças (algumas descalças) e sete cachorros que moscas e pulgas disputam. Ontem, ela achou apenas uma garrafa térmica vermelha, de plástico, sem

fundos. Nos melhores dias, “quando muito”, consegue R\$ 30 com a venda dos objetos que encontra.

Arnaud Freire tem uma profissão que jamais pode exercer em Brasília: é vaqueiro. Começa a catar lixo às 6h da manhã “sem hora para marcada para parar”. Cata alumínio, revistas, vasilhames de água sanitária, de água mineral.

Nos dias bons, ele enche até 15 *seadas* (nome que dá ao saco plástico de lixo) e ganha até R\$ 60. “Deve ter

alguma coisa errada”, reagiu. “Mais de cinco mil pessoas moram aqui e não têm outro meio de ganhar a vida”, disse o catador.

No barzinho de Luiz Alves, os vizinhos comentam o fato. Chico Pereira, um *gambireiro* (vive de trocas), fala mal do governo. O outro defende. Luiz também é catador, mas ontem não foi trabalhar: “Fui levar Stalone ao médico. Ele anda com as perninhas inchadas. O médico diz que é anemia no sangue”.